

AS ESTRATÉGIAS DE MEMÓRIA UTILIZADAS NA AQUISIÇÃO DE VOCABULÁRIO POR ALUNOS DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA

MEMORY STRATEGIES USED IN VOCABULARY ACQUISITION BY ENGLISH STUDENTS AT PUBLIC SCHOOL

Marco André Franco de ARAÚJO
(Universidade Federal de Goiás)

RESUMO: Este artigo relata e discute estudo com crianças entre 10 e 11 anos, realizado em uma sala de aula de 5º ano do Ensino Fundamental, buscando compreender quais estratégias de memória os alunos utilizaram nas atividades envolvendo novo vocabulário. A investigação qualitativa (ESTEBAN, 2010; SELIGER; SHOHAMY, 1989) ocorreu no segundo semestre de 2014, durante quatro aulas com ensino de vocabulário (animais e partes do corpo), tendo como instrumentos para coleta de dados questionários e observações, os quais foram analisados em consonância com a classificação de estratégias de aprendizagem (WENDEL; RUBIN, 1987; OXFORD, 1990; O’MALLEY; CHAMOT, 1999). Os resultados revelam as estratégias de aprendizagem (de memória) utilizadas pelos alunos para facilitar a aprendizagem de novas palavras de vocabulário.

Palavras-chave: Estratégias de aprendizagem. Vocabulário. Aprendizagem de LE.

ABSTRACT: This article reports and discusses a study with children between 10 and 11 years, conducted in a classroom of 5th year of elementary school, trying to understand which memory strategies students used in activities involving new vocabulary. It’s a qualitative research (ESTEBAN, 2010; SELIGER; SHOHAMY, 1989) which occurred in the second semester of 2014, for four classes with teaching vocabulary (animals and body parts), and having as instruments for collecting data questionnaires and observations, which were analyzed in accordance with the classification of learning strategies (WENDEL; RUBIN, 1987; OXFORD, 1990; O’MALLEY; CHAMOT, 1999). The results reveal learning strategies (memory) used by the students to facilitate the learning of new vocabulary words.

Keywords: Learning Strategies. Vocabulary. Language Learning.

“Take CARE of your memory and your memory will take CARE of you!”
(Oxford, 1990, p. 38)

INTRODUÇÃO

A maioria das pesquisas sobre estratégias de aprendizagem buscam respostas para as seguintes perguntas como saber o que os aprendizes fazem para aprender uma língua

estrangeira, como eles gerenciam ou autodirigem esses esforços ou quais os aspectos do processo de aprendizagem de língua estrangeira eles sabem (WENDEL, 1987).

Dessa forma, a aprendizagem de línguas estrangeiras, como outros tipos de aprendizagem envolve a resolução de problemas, e isso envolve que os alunos sejam ativos nesse processo, a fim de internalizar informações, como por exemplo, novas palavras de vocabulário.

Nesse sentido, estudo aqui relatado visa compreender quais estratégias de memória foram utilizadas por alunos em situações de aprendizagem de novo vocabulário em quatro aulas.

Inicialmente, apresentamos alguns aspectos como a definição e classificação de estratégias de aprendizagem de acordo com a literatura na área do ensino de línguas estrangeiras (WENDEL; RUBIN, 1987; OXFORD, 1990; O'MALLEY; CHAMOT, 1999). Em seguida, abordamos a categoria das estratégias de memória que são objeto deste estudo, levando em consideração a utilização desse tipo de estratégia pelos alunos em sala de aula, no que diz respeito à aquisição de novas palavras de vocabulário.

Além disso, discutimos as estratégias metacognitivas e afetivas, já que, segundo Oxford (1990), as estratégias de memória serão mais bem utilizadas se forem usadas simultaneamente com as estratégias metacognitivas e afetivas. Após isso, apresentamos o contexto do estudo e os resultados obtidos, finalizando com algumas considerações.

As estratégias de aprendizagem

As estratégias de aprendizagem são decisões tomadas pelos aprendizes para alcançar seus objetivos de aprendizagem e são importantes para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. Elas estão relacionadas a ações e atitudes e, também, a características comportamentais dos aprendizes que são positivas, levando em consideração seus objetivos (WENDEL; RUBIN, 1987; SCARCELLA; OXFORD, 1992; OXFORD, 1990; O'MALLEY; CHAMOT, 1999). Segundo Oxford (1990), as estratégias de aprendizagem são definidas como

passos dados pelos estudantes para melhorar sua aprendizagem. Estratégias são especialmente importantes para o aprendizado de línguas porque elas são ferramentas para um envolvimento ativo e autodirigido, o que é essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa. Estratégias de aprendizagem de línguas apropriadas resultam na melhora da proficiência e maior autoconfiança (OXFORD, 1990, p. 1).

De acordo com a classificação desta autora, as estratégias de aprendizagem se dividem em dois grandes grupos: as estratégias diretas, aquelas que influenciam diretamente a aprendizagem e se subdividem em estratégias de memória, cognitivas e de compensação; e as estratégias indiretas, as que influenciam indiretamente a aprendizagem e se subdividem em metacognitivas, afetivas e sociais. Oxford propõe a classificação das estratégias de aprendizagem conforme o quadro a seguir:

<i>Estratégias de Aprendizagem (OXFORD, 1990)</i>	<i>Estratégias Diretas</i>	Memória	a) Criar conexões mentais b) Utilizar imagens e sons c) Revisar bem d) Usar ações
		Cognitivas	a) Praticar b) Receber e enviar mensagens c) Analisar e raciocinar d) Criar estruturas para input e output
		Compensação	a) Inferir b) Superar limitações na fala e na escrita
	<i>Estratégias Indiretas</i>	Metacognitivas	a) Centralizar a aprendizagem b) Organizar e planejar sua aprendizagem c) Avaliar a aprendizagem
		Afetivas	a) Reduzir a ansiedade b) Auto encorajar-se c) Medir temperatura emocional
		Sociais	a) Fazer perguntas b) Cooperar com os outros c) Identificar-se com os outros

QUADRO 1 – Classificação das estratégias de aprendizagem (OXFORD, 1990).

Conforme indicado no quadro 1, a partir da classificação proposta por Oxford, passamos a apresentar os grupos de estratégias utilizadas neste estudo, iniciando com o grupo de estratégias de memória e, em seguida, as estratégias metacognitivas e as afetivas.

No quadro 1, buscamos traçar um panorama geral das estratégias de aprendizagem, visando apresentar, também, quais delas utilizaremos em nosso estudo, no caso, as estratégias de memória e as metacognitivas e afetivas, conforme discutimos a seguir.

As Estratégias de Memória, Metacognitivas e Afetivas

As estratégias de memória, que são também chamadas mnemônicas⁴, têm sido usadas há muitos anos com uma função específica: ajudar os aprendizes a obter e armazenar novas informações. De acordo com Oxford (1990), a mente de um indivíduo pode armazenar mais de 100 trilhões de informações, mas somente uma parte desse potencial vem a ser usado. Elas

visam auxiliar uma melhor utilização desse potencial, assim, conforme afirma Thompson (1987), a memória humana é fundamental para o conceito de aprendizagem.

A seguir, apresentamos o grupo de estratégias de memória proposto por Oxford (1990):

Estratégias de Memória (OXFORD, 1990)	a) Criar mensagens mentais	1. Agrupamento 2. Associação/Elaboração 3. Colocação de novas palavras em contexto
	b) Usar imagens e sons	1. Uso de imagens 2. Mapeamento semântico 3. Uso de palavras-chave 4. Representação de sons na memória
	c) Revisar bem	1. Revisão estruturada
	d) Usar ação	1. Uso de resposta física ou sensação 2. Uso de técnicas mecânicas

QUADRO2 – Estratégias de memória (OXFORD, 1990).

Conforme exposto anteriormente, para que as estratégias de memória sejam bem aproveitadas pelos aprendizes, elas precisam ser utilizadas simultaneamente com as estratégias metacognitivas e as estratégias afetivas, visto que as primeiras são usadas para supervisionar, regular ou direcionar a aprendizagem e são essenciais para o sucesso na aprendizagem de uma língua (OXFORD, 1990; RUBIN, 1987).

No que concerne à classificação das estratégias metacognitivas, observa-se que prestar atenção, fazer conexões, estabelecer objetivos são algumas das atitudes que os aprendizes preocupados com o seu aprendizado devem ter. Para Oxford, as estratégias metacognitivas são:

Estratégias Metacognitivas (OXFORD, 1990)	a) Centralizar a aprendizagem	1. Ter uma visão geral e conectar o que já sabe com o novo 2. Prestar atenção 3. Atrasar a produção da fala para focar na compreensão auditiva
	b) Organizar e planejar a aprendizagem	1. Descobrir sobre a aprendizagem 2. Organizar 3. Estabelecer novos objetivos 4. Identificar o propósito de uma tarefa
	c) Avaliar a aprendizagem	1. Auto monitorar-se 2. Auto avaliar-se

QUADRO3 – Estratégias Metacognitivas (OXFORD, 1990).

Para concluir, as estratégias afetivas envolvem as emoções, as atitudes e também a motivação e as crenças dos alunos em relação à aprendizagem. O lado afetivo do aprendiz é,

sem dúvida, um dos maiores influenciadores no sucesso ou fracasso da aprendizagem de línguas. Conforme defende Oxford, bons aprendizes conseguem controlar suas emoções e atitudes no que concerne à aprendizagem, já que sentimentos negativos podem dificultar o aprendizado, enquanto os positivos o tornam mais efetivo e agradável.

O quadro a seguir apresenta as estratégias afetivas, segundo a classificação proposta por Oxford (1990):

<i>Estratégias Afetivas</i> (OXFORD, 1990)	a) Reduzir a ansiedade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Usar relaxamento progressivo, respiração profunda, meditação 2. Usar música 3. Usar humor
	b) Auto encorajar-se	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dizer frases positivas 2. Optar por riscos inteligentes 3. Se recompensar
	c) Medir sua temperatura emocional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Escutar seu corpo 2. Fazer um <i>checklist</i> 3. Escrever um diário de aprendizagem 4. Discutir seus sentimentos com alguém

QUADRO4 – Estratégias Afetivas (OXFORD, 1990).

Quanto à utilização de estratégias de aprendizagem em sala de aula, o professor pode perceber determinadas estratégias que são utilizadas por bons aprendizes e utilizá-las com aqueles que não apresentam bom desempenho no processo de aprendizagem. Nesse sentido,

a identificação de estratégias de aprendizagem permite identificar o que o aluno faz durante a aprendizagem de uma língua ou em situações comunicativas. É possível, portanto, traçar um *perfil estratégico* do aluno. O *perfil estratégico* possibilita relacionar as estratégias a outros fatores, tais como crença, motivação, autonomia, idade, gênero, estilos, entre muitos outros (VILAÇA, 2010, p. 212).

Assim, o professor pode sugerir estratégias alternativas para organizar e armazenar informações e para incentivar os alunos a considerar quais estratégias são mais úteis para eles. E, nesse sentido, as estratégias de aprendizagem têm como um de seus objetivos possibilitar que os alunos direcionem o seu aprendizado.

O ensino de vocabulário

Ao estudar uma língua estrangeira, não se pode deixar de levar em consideração a gramática e o vocabulário da língua que se está aprendendo. Assim, aprender um novo item

lexical (vocabulário) é muito recorrente nas aulas de língua estrangeira, e esse item lexical pode ser uma única palavra, duas ou mais que, juntas, formam uma única expressão (HADFIELD; HADFIELD, 2009). Nesse sentido, “aprender uma nova palavra vai muito além de aprender a grafia, a forma de ser pronunciada, o significado literal e a categoria gramatical à qual pertence” (OLIVEIRA, 2014, p. 175).

Sobre vocabulário, Hadfield e Hadfiel (2009) afirmam que

um item de vocabulário, chamado às vezes de *item lexical*, pode ser:

- uma única palavra, por exemplo, *cat*, *table*.
- duas ou três palavras que se unem para formar um único significado; por exemplo, um substantivo como *washing machine* ou um *phrasal verb* como *pass out* ou *come up with*.
- uma expressão com várias palavras ou um *chunk*, como *as a matter of fact*, *never mind*, *by the way* (HADFIELD; HADFIELD, 2009, p. 53)

Ainda, segundo esses autores, cada aprendiz traz consigo um *vocabulário produtivo* e um vocabulário receptivo. Respectivamente, “palavras que são capazes de produzir por conta própria, por exemplo, *shoes* [...] e palavras que eles entendem, mas que talvez nunca produzam, por exemplo, *afflict*”. (p. 53). De acordo com os autores todos nós possuímos um vocabulário receptivo bem mais amplo do que o vocabulário produtivo.

Para os autores, os aprendizes precisam saber

- Como uma palavra é escrita
- Como ela é pronunciada
- O significado da palavra
- A qual parte do discurso ela pertence
- Com que palavra ela geralmente é usada (*collocations*)
- Como a palavra é usada: em quais situações e contextos. (HADFIELD; HADFIELD, 2009, p. 53)

Richard e Rodgers (2008) acrescentam que “abordagens lexicais no ensino de línguas refletem a crença na centralidade do léxico na estrutura da língua, na aprendizagem de segunda língua, e de uma particular unidade lexical “multipalavras” ou “pedaços” que são aprendidas e usadas como itens únicos” (p. 132).

De acordo com a abordagem lexical, nos estágios iniciais de aprendizagem de um novo idioma, a recepção de itens lexicais é uma das atividades mais importantes. Conforme afirma Oliveira (2014), “os alunos precisam logo aprender o maior número possível de palavras” (p. 175). Nesse sentido, no trabalho com crianças na fase inicial de aprendizagem de inglês, o ensino de vocabulário se faz pertinente, e, conforme sugere o autor, o aprendiz

precisa identificar o significado de várias palavras mesmo que ainda não as domine (OLIVEIRA, 2014).

Na aprendizagem de uma língua estrangeira, cada aprendiz tem um propósito diferente, e a motivação para aprender é um fator que ganha importância em sala de aula. A motivação é um dos termos mais usados quando nos referimos ao sucesso ou ao fracasso dos indivíduos em diversas situações, no caso mais específico, o de aprendizagem. E, nesse sentido, o professor tem um papel importante para motivar o aluno, devendo, portanto, proporcionar atividades que despertem o interesse e a participação dos alunos em sala de aula.

No que se refere ao ensino de novas palavras de vocabulário para crianças, o professor pode utilizar diversos recursos lúdicos e chamativos como músicas e jogos, dentre os mais atrativos estão os caça-palavras e cruzadinhas, visando motivar o aprendiz a participar das aulas. Nesse sentido, as atividades que desenvolvem a ludicidade, como os jogos, são importantes. Trata-se de um recurso pedagógico que serve como elemento de incentivo, de interação e de utilização da língua de maneira efetiva e torna-se um instrumento eficaz para atingir objetivos comunicativos em sala de aula (FERNÁNDEZ; CALLEGARI; RINALDI, 2012; RICHARD-AMATO, 1988; SANTOS, 2009).

O ensino de vocabulário em sala de aula requer que o professor se atente a alguns aspectos como determinar o tempo de aula específica para aprender vocabulário, ajudar os alunos a aprender o novo vocabulário em um contexto e encorajar os alunos a desenvolver estratégias para determinar o significado das palavras (BROWN, 1994).

De acordo com Brown (1994), ao trabalhar vocabulário em sala de aula, a melhor maneira de internalizar palavras novas se dá através da compreensão e produção com palavras de um contexto discursivo em vez de palavras isoladas, pois o aluno irá associar essas novas palavras significativamente no contexto em que elas são aplicadas.

Este estudo visa, então, apresentar as estratégias de aprendizagem que foram utilizadas por alunos do ensino fundamental nas aulas que focaram o estudo de novas palavras de vocabulário, bem como compreender em que situações os alunos fazem o uso das estratégias de memória.

O estudo

Este estudo qualitativo (ESTEBAN, 2010; SELIGER; SHOHAMY, 1989) teve como participantes os alunos de uma turma E (5º ano) do ensino fundamental de uma escola

pública de Goiânia, durante quatro aulas realizadas no primeiro semestre de 2014, em que foram trabalhadas novas palavras de vocabulário referente ao corpo humano e a animais.

Para a coleta de dados foram utilizados como instrumentos questionários com os alunos e a observação das aulas pelo professor. Foram aplicados questionários ao final de cada aula, com questões abertas, visando identificar as percepções dos alunos sobre a aprendizagem de vocabulário e sobre as estratégias que utilizaram nas aulas para responder as atividades propostas e, possivelmente, aprender as novas palavras de vocabulário. Para ilustrar este estudo, apresentaremos algumas das atividades desenvolvidas nas aulas e as estratégias de aprendizagem dos alunos na efetivação dessas.

Discussão dos dados

Iniciamos a apresentação dos dados obtidos neste estudo apontando o perfil dos alunos e descrevendo as atividades realizadas durante as aulas. Posteriormente, discutimos as estratégias de aprendizagem que foram utilizadas pelos alunos, tendo por base as observações e os dados dos questionários respondidos por eles.

Os participantes deste estudo foram os alunos de uma turma da primeira fase do ensino fundamental (5º ano) com idade entre 10 e 11 anos. Escolhemos essa turma pelo fato de estarem tendo o primeiro contato com a língua estrangeira na escola, e por isso, responderam aos questionários com perguntas abertas e que traziam informações claras, em sua língua materna (MOREIRA; CALEFFE, 2008) para facilitar a compreensão acerca do que estava sendo perguntado. Neste questionário, os alunos responderam sobre suas percepções sobre as aulas de língua inglesa, como, por exemplo, do que mais gostavam, e, também, sobre estratégias que utilizam para aprender novas palavras de vocabulário.

Foram observadas quatro aulas de 60 minutos cada uma e a cada duas aulas foi abordado o vocabulário que estava em consonância com o programa do professor da turma. Nas duas primeiras aulas o vocabulário trabalhado foi *animals* (animais), cujas atividades descrevemos abaixo, e nas outras duas *parts of body* (partes do corpo).

Ao apresentar o novo vocabulário sobre *animals*, o professor iniciou a aula com a escrita das palavras no quadro para que os alunos as copiassem e tentassem escrever a sua respectiva tradução. Nesse sentido, perpassamos pelo método direto de se aprender vocabulário, sugerido por Rubin e Thompson, segundo os quais os alunos focam sua atenção

nas novas palavras em listas ou completando exercícios de vocabulário (RUBIN; THOMPSON, 1994).

Após os alunos escreverem em seus cadernos as palavras, o professor começou a apresentar essas novas palavras para os alunos, objetivando a memorização delas, dos seus significados e da sua pronúncia correta. De acordo com as abordagens de ensino de línguas, essa atividade se baseia no método audiolingual, postulando que a aprendizagem se dá por meio da formação de hábitos, sendo facilitada através de exercícios que enfatizam a repetição (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2012; LARSEN-FREEMAN, 1986; RICHARDS; RODGERS, 2008).

Após isso, foi entregue aos alunos um *handout*, contendo a atividade apresentada na figura a seguir:

► Organize as letras e forme o nome em inglês:

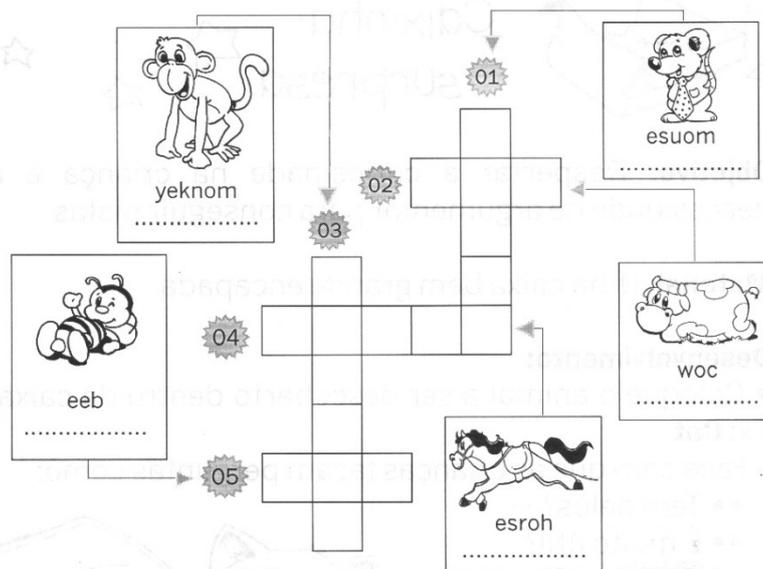


FIGURA 1 – Exercício – *Crossword (animals)*. RADESPIEL; RADESPIEL, (2010).

Nesta atividade (*crossword*), considerando que a cruzadinha é uma das preferidas dos alunos, deveriam escrever nos respectivos lugares as palavras do vocabulário aprendido após colocarem em ordem as letras dessas palavras. Ao fazerem isso, os alunos usam a estratégia de aprendizagem (revisar bem), que, segundo Oxford (1990), consiste em revisar o conteúdo já estudado com repetições até que a informação se torne familiar. Esse tipo de estratégia também pode ser observado na atividade feita com os alunos logo a seguir, conforme mostra a Figura 2:

► Escreva os nomes dos bichinhos que você descobriu na cruzadinha, em inglês:

1 - rato

2 - vaca

3 - macaco

4 - cavalo

5 - abelha

FIGURA 2 – Atividade da aula sobre os animais. RADESPIEL; RADESPIEL, (2010).

O exercício requer, novamente, que os alunos usem o que já foi aprendido para reforçar a memorização das palavras. Na realização desta atividade, que foi feita em pares, notamos o apoio que um colega dava ao outro. Assim, os alunos “têm a oportunidade de aprender com os colegas e de ensinar-lhes (FIGUEIREDO, 2006, p. 23)” e também perceberem o que ainda precisam aprender.

Levando em conta o contexto de uma escola pública e o nível de inglês das crianças, que estavam no segundo ano de contato com a língua inglesa naquela escola, o professor utilizou a língua materna do aluno para facilitar a compreensão na realização da maioria das atividades propostas.

Ao trabalhar um pequeno texto para contextualizar o vocabulário sobre os animais, um dos alunos da turma utilizou a estratégia de memória (colocar novas palavras em um contexto) ao mesmo tempo em que fez uso também da estratégia (usar imagens) para relacionar novos conceitos aos que já possuíam (OXFORD, 1990; RUBIN, 1987), conforme observamos nas figuras a seguir:

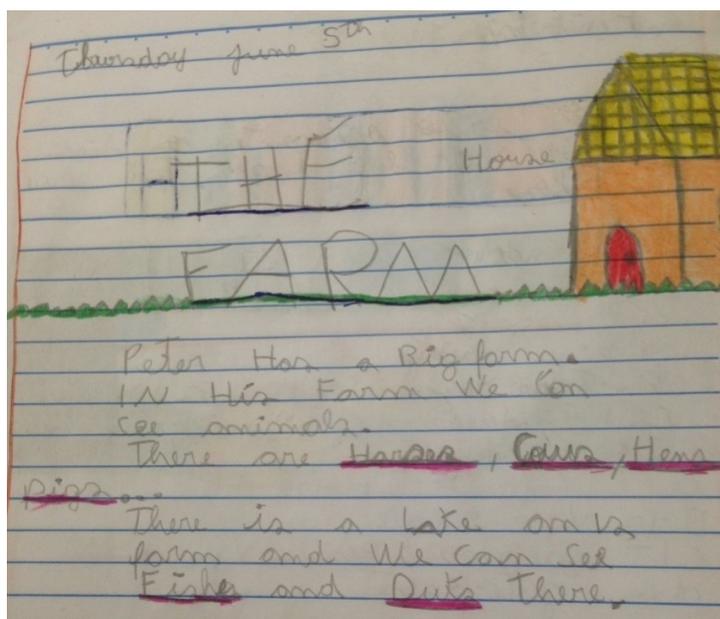


FIGURA 3 – Cópia de texto dos alunos.

Conforme observamos na figura, o aluno fez uso de algumas estratégias de memória para fixar o vocabulário aprendido: usar imagens (desenhou uma casa para se lembrar da palavra *house*), usar palavras-chave (escreveu a palavra *house* ao lado do desenho para se lembrar dela) e agrupamento (sublinhou todas as palavras de animais no texto de cor roxa para memorizar que elas se referem a animais).

Nas duas aulas seguintes, foi trabalhado com os alunos o vocabulário referente à *body parts* (partes do corpo). No mesmo molde da aula anterior, o professor iniciou com a escrita das palavras no quadro para que, novamente, os alunos as copiassem em seus cadernos. Feito isso, novamente os alunos leram as palavras e as repetiram para que memorizassem a sua pronúncia correta, como postula o método audiolingual (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2012; LARSEN-FREEMAN, 1986; RICHARDS; RODGERS, 2008).

Em seguida, o professor apresentou para os alunos uma música com as novas palavras, que foi projetada no quadro para um contato mais lúdico e para facilitar a visualização dos alunos, com o intuito de reduzir a ansiedade e a inibição, além de ser um grande motivador para aulas. Através da música, “a língua facilmente encontra raízes na experiência de alunos em qualquer idade ou nível de proficiência” (RICHARD-AMATO, 1988, p. 116). A figura a seguir apresenta a atividade feita com a música “*My Body*”:

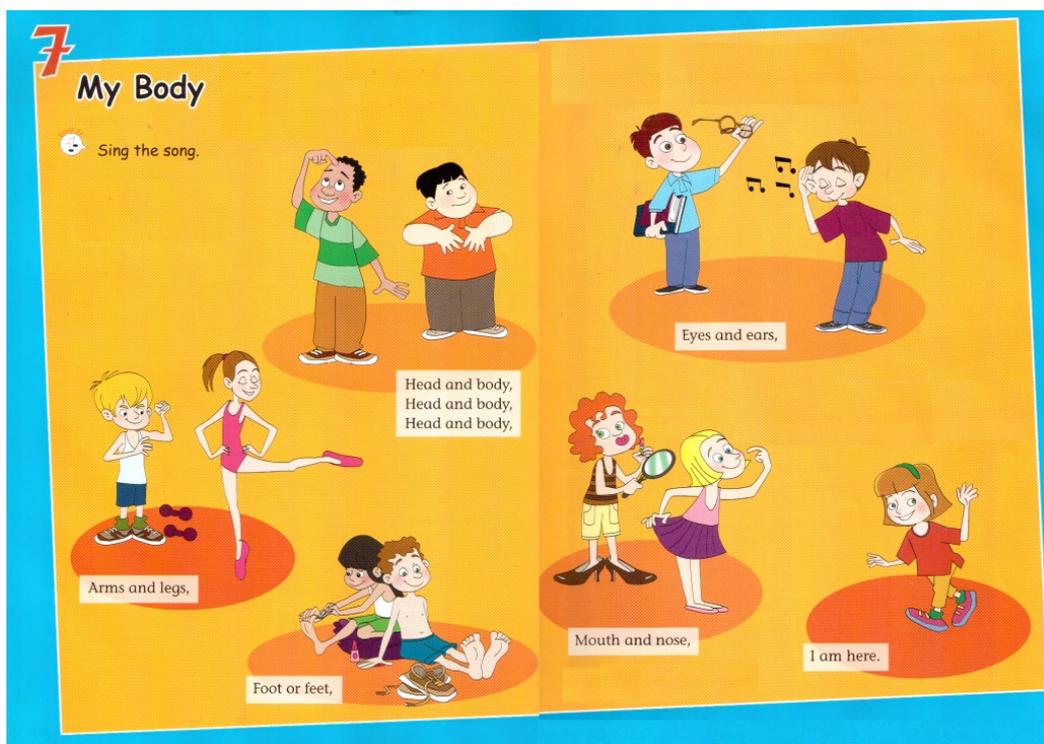


FIGURA 4 – Música “My Body”. PRESCHER; SABER, (2008).

O trabalho com esta música pode-se respaldar no método Resposta Física Total (RFT), a qual postula que a aquisição de uma língua se dá através de comandos dados pelo professor, aos quais os alunos devem responder utilizando ações (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2012; LARSEN-FREEMAN, 1986; RICHARDS; RODGERS, 2008). Neste caso, os alunos ouviram a música e tocaram a parte do corpo que estava sendo dita e, assim, começam a memorizar as partes do corpo através da estratégia de memória (usar uma resposta física ou sensação), que, segundo Oxford (1990), se baseia em imitar ou usar gestos e também a estratégia (usar técnicas mecânicas), ou seja, manipular algo que é concreto, neste caso, tocar nas partes do corpo que estão sendo ditas.

Finalizando o trabalho com o vocabulário sobre as partes do corpo, foi entregue aos alunos um *handout* com atividades para serem feitas em sala de aula. A primeira foi o exercício em que os alunos deveriam colocar os nomes das partes do corpo em uma imagem, conforme figura abaixo:

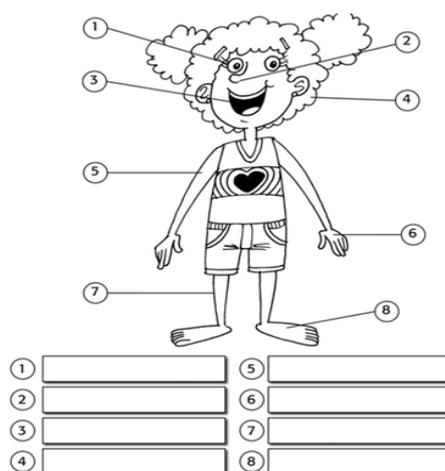


FIGURA 5 – Atividade *My Body*. FERREIRA, (2010).

Nesta atividade, pudemos observar que os alunos utilizaram as estratégias de memória (associação/elaboração), relacionando o conhecimento novo com conceitos já existentes (OXFORD, 1990), visto que os aprendizes, na aula anterior, tiveram contato com as palavras relacionadas às partes do corpo. Além disso, fizeram uso, novamente, da estratégia (imagens), como já foi visto em atividade anterior. Ao utilizarem, então, o uso de estratégia de associação/elaboração, como também a estratégia de imagens, os alunos conseguem estabelecer relações com o conteúdo que estão aprendendo e do conteúdo que já tiveram contato, tendo, assim, uma melhor aprendizagem das palavras.

A última atividade do *handout* tinha como objetivo reforçar a escrita das palavras. Os alunos deveriam escrever as palavras algumas vezes para memorizá-las, conforme mostra a figura a seguir:

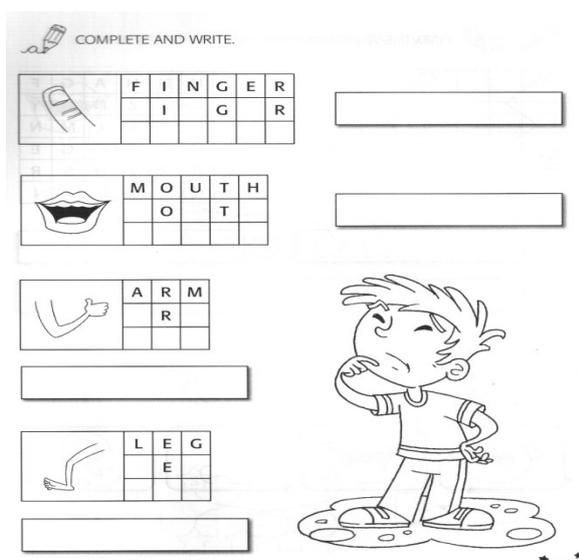


FIGURA 6 – Atividade *My Body*. FERREIRA, (2010).

Nesta atividade, novamente vemos aqui a utilização da estratégia de memória (revisar bem), por meio de uma revisão estruturada, os alunos reforçam os itens lexicais aprendidos, até que esses itens se tornem familiares para eles. Ao utilizarem a estratégia revisar bem, novamente podemos nos atentar ao fato de os alunos terem a oportunidade de relacionar os itens de vocabulário já vistos por eles, e utilizarem no momento da realização das atividades.

Os exemplos aqui apresentados e discutidos evidenciam a importância que as estratégias de aprendizagem têm no aprendizado dos alunos, mais especificamente as estratégias de memória que foram apontadas neste estudo. Os alunos fazem o uso dessas estratégias durante todo o tempo, e com isso, se tornam melhores aprendizes de uma língua estrangeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo sugerem que, quando os alunos são expostos a situações de aprendizagem de um novo vocabulário nas aulas de língua inglesa, utilizam determinadas estratégias de aprendizagem para ter sucesso no aprendizado. Dessa forma, os alunos utilizam estratégias para aprender o novo vocabulário e, assim, o aluno poderá determinar qual estratégia será melhor para ele naquele contexto.

Ao utilizar atividades lúdicas, o professor desperta no aluno maior interesse em participar das aulas e de realizar as atividades, como foram os casos do caça-palavras e da música. Conforme os dados revelam, quando esses tipos de atividades são utilizadas, os alunos colocam em prática diversas estratégias de aprendizagem como revisar bem, usar imagens, fazem associações do visual com o verbal de maneira eficaz.

O uso da estratégia de palavras-chave para fazer conexões com outras, associação e elaboração para relacionar significativamente conceitos novos àqueles aos quais já possuíam foi também utilizada por um aluno. Constatou-se que, neste período de aulas, a mais significativa para eles foi usar ação e técnicas mecânicas em que eles puderam imitar gestos ou sons e manipular algo que é concreto, estabelecendo a associação com as novas palavras aprendidas.

Para a resolução das atividades propostas nas aulas, os alunos fizeram também uso de estratégias metacognitivas como prestar atenção nas aulas e nas explicações do professor, organizarem-se em relação ao seu material e ao procurarem oportunidades para praticar as novas palavras que aprenderam.

Por fim, de acordo com o que foi constatado no estudo, as estratégias de aprendizagem são atitudes dos alunos em relação a sua aprendizagem, e ao utilizar as estratégias de memória, os alunos podem conseguir organizar os itens lexicais de forma que sejam significativos para eles, pois são expostos a um grande número de itens lexicais, com um número também grande de significados. Assim, quando fazem usos dessas estratégias, eles poderão ter oportunidades não só de “memorizar” todo esse material linguístico, mas, também, poderão recuperar esse material em situações comunicativas e de uso real da língua.

REFERÊNCIAS

BROWN, H. D. *Teaching by principles: An interactive approach to language pedagogy*. New Jersey: Prentice Hall, 1994.

CALLEGARI, M. V.; FERNÁNDEZ, G. E.; RINALDI, S. Atividades lúdicas para a aula de língua estrangeira – espanhol: *considerações teóricas e propostas didáticas*. São Paulo: IBEP, 2012.

FERREIRA, M. *Happy Kids*. Volume 3 – Avançado. São Paulo: Editora Rideel, 2010.

FIGUEIREDO, F. J. Q. A aprendizagem colaborativa de línguas: algumas considerações conceituais e terminológicas. In: _____. (Org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Editora da UFG, 2006. p. 11-45.

FIGUEIREDO, F. J. Q.; OLIVEIRA, E. C. Sobre métodos, técnicas e abordagens. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. (Org.). *Formação de Professores: princípios e práticas*. Goiânia: Editora da UFG, 2012. p. 11-40.

HADFIELD, J.; HADFIELD C. *Manual Oxford de introdução ao ensino da língua inglesa*. Tradução de Sueli Monteiro. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Elaboração e uso de questionários. In: _____. *Metodologia científica para o professor pesquisador*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 95-133.

OLIVERIA, L. A. *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

O’MALLEY, J. M. & CHAMOT, A. U. *Learning strategies in second language acquisition*. Georgetown: Oxford University Press, 1999.

OXFORD, R. Direct Strategies for Dealing with Language. In: _____. *Language Learning Strategies: what every teacher should know*. Boston, MA: Heinle & Heinle Publishers, 1990. p. 37-55.

_____. Applying Direct Strategies to the Four Language Skills. In: _____. *Language Learning Strategies: what every teacher should know*. Boston, MA: Heinle & Heinle Publishers, 1990. p. 57-133.

PRESCHER, E.; SABER, V. A. *Fun Way*. Book 1. São Paulo: Richmond Publishing/ Editora Moderna, 2008.

RADESPIEL, M.; RADESPIEL, E. *English for Kids*. Book 3. Contagem: Editora IEMAR Ltda, 2010.

RUBIN, J. Learner Strategies: Theoretical Assumptions, Research History and Typology. In: WENDEL, A.; RUBIN, J. (Ed.). *Learner Strategies in Language Learning*. New York: Prentice Hall, 1987. p. 15-30.

RICHARD-AMATO, P. A. Making It Happen: *Interaction in the Second Language Classroom. From Theory to Practice*. New York & London: Longman, 1988.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. The lexical approach. In: _____. *Approaches and Methods in Language Learning*. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 132-140

SANTOS, A. C. L. P. B. As estratégias de comunicação usadas pelos alunos de E/LE em jogos interacionais: um estudo de caso. Goiânia: UFG, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2006.

SCARCELLA, R. C.; OXFORD, R. L. Characteristics of Individual Learners. In: _____. *The Tapestry of Language Learning*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1992. p. 51-66.

SANDIN ESTEBAN, M. P. Bases Conceituais da Pesquisa Qualitativa. In: _____. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2010. p. 122-144.

SELIGER, H. W.; SHOHAMY, E. *Second Language Research Methods*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1989.

THOMPSON, I. Memory in Language Learning. In: WENDEL, A.; RUBIN, J. (Ed.). *Learner Strategies in Language Learning*. New York: Prentice Hall, 1987. p. 43-56.

THOMPSON, I; RUBIN, J. *How to be a more successful language learner: toward learner autonomy*. Boston, MA: Heinle & Heinle Publishers, 1994.

VILAÇA, M. L. C. A importância de pesquisas em estratégias de aprendizagem no ensino de línguas estrangeiras. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, v. 15, p. 208-220, 2010.